



PARA ROBERT COOVER, KAREN KENNERLY,
SARA KHALILI, JAMES KIMMEL E JANE UNRUE,
CUJA FÉ E COMPANHEIRISMO FORAM FUNDAMENTAIS
PARA ESCREVER ESTE ROMANCE







O conto daquele que um mapa do tesouro achou que ao sair por certo portão 4, lá há um domo, de costas para o domo ao se virar com a face voltada para Meca, e uma flecha dispara, onde a flecha cair um tesouro jaz. Ele foi e flechas fez voar, tantas que se desesperou, ele não achou. E essa notícia chegou ao Rei. Arqueiros de longo alcance flechas fizeram voar, de fato nada foi achado. Quando a sua Santidade apelou, nele embebido de inspiração de que não rogássemos para puxar a corda do arco. Flecha no arco ele pôs, ali na frente dele ela caiu.

SHAMS TABRIZI (m. 1248)





MORTE À DITADURA, MORTE À LIBERDADE

No ar de Teerã, os aromas das florações da primavera, do monóxido de carbono e dos perfumes e venenos das histórias das Mil e uma noites *flutuam uns sobre os outros, sussurram juntos. A cidade se deixa levar pelo tempo.*

Na frente da entrada principal da Universidade de Teerã, na rua da Liberdade, uma multidão de estudantes está reunida num protesto político. Com os punhos erguidos gritam “morte ao cativo!” Do outro lado da rua, integrantes do Partido de Deus, com punhos cerrados e talvez correntes e socos-ingleses nos bolsos, gritam “morte aos liberais...”

A tropa de choque, armada com a parafernália mais sofisticada, incluindo cassetetes elétricos comprados do Ocidente, está de frente para os estudantes. Os dois grupos tentam, antes de partir para os golpes, triunfar sobre seu oponente gritando ainda mais alto. Gotas de suor afloram nas faces e perdigotos voam das bocas. Punhos, antes de baterem em cabeças, se erguem sem as dificuldades na direção do céu.

Talvez por causa desses punhos do céu sagrado do Irã nenhum mi-lagre jamais baixe. Desde cento e um anos atrás — quando a primeira revolução pela democracia triunfou no Irã —, punhos similares a esses se ergueram para o céu de um país com o maior número de homens santos, com a maior quantidade de orações, lágrimas e lamentações



religiosas; e hoje, eu acredito, os maiores rogos a Deus para que acelere o dia da ressurreição originam-se do Irã.

A pouca distância dali, na calçada, de costas para a grade de aço instalada no muro de pedra de 90 centímetros de altura que cerca a Universidade de Teerã, uma garota que, diferentemente da maioria das garotas no mundo, mas como a maioria das garotas no Irã, usa um lenço preto envolvendo a cabeça e uma longa túnica preta cobrindo o corpo inteiro. Ela possui uma beleza comum a todas as garotas em histórias de amor, uma beleza que muitas garotas no mundo, e no Irã, que leem essas histórias quer possuir. Se os fantasmas dos milhares de poetas que morreram mil, setecentos, ou quatrocentos anos atrás, e o espírito daqueles ainda por nascer — que, diferentemente dos vivos, na democracia dos mortos amigável e tolerantemente passeiam pelas ruas de Teerã — observarem seus grandes olhos negros, eles os compararão, como é costume em sua poesia, aos olhos tristes de uma gazela. Uma antiga comparação feita a um par de olhos orientais que roubou o coração de Lord Byron e também de Arthur Rimbaud... Mas ao contrário dessa analogia tão clichê, há uma expressão misteriosa nos olhos dessa garota. É como se eles tivessem o poder de viajar no tempo, o poder de atravessar as paredes douradas de haréns ou talvez passar pelos firewalls de sites e filtros da internet.

Mas a garota não sabe que em precisamente 7 minutos e 7 segundos, no auge do confronto entre os estudantes, a polícia e os membros do Partido de Deus, no caos dos ataques e recuos, será derrubada com muita força, cairá para trás, sua cabeça atingirá uma quina de cimento e seus tristes olhos orientais se fecharão para sempre...

A garota atrai a atenção de pessoas misteriosas que durante manifestações políticas no Irã monitoram a situação de lugares discretos e identificam pessoas. Eles apontam-na um para o outro. Um deles, de forma muito profissional, tira uma fotografia e a filma.

Eu sei que *essa garota não é integrante de nenhum partido político, mas ela está timidamente segurando um cartaz no qual se lê:*





MORTE À LIBERDADE, MORTE AO CATIVEIRO

É um lema estranho que não acredito ter sido visto ou ouvido sob o governo de qualquer regime ditatorial, comunista, populista, ou até mesmo o chamado liberal. E eu não acredito que alguma vez será ouvido sob o governo de quaisquer regimes futuros que ainda permanecem sem nome.

Quando fazem pausas para tomar ar, os estudantes que buscam liberdade e democracia apontam para a garota e seu cartaz e perguntam:

— Quem é ela, afinal? O que ela está tentando dizer?

Os estudantes mais experientes, veteranos em protestos políticos, respondem:

— Ignorem-na completamente. É uma infiltrada. O Partido de Deus lhe pagou para criar desconfiança e divisão entre nós. Para desarmar a conspiração, apenas ajam como se ela não existisse.

No lado oposto, os integrantes fanáticos do Partido de Deus também apontam para a garota e perguntam:

— O que aquela menina afetada está tentando dizer?

Ouvem de seus líderes:

— A sirigaita lasciva é uma dessas comunistas que recentemente voltaram à vida. O Grande Irmão deles na Rússia está recuperando a força... mas os patéticos imbecis têm apenas um punhado de membros no partido deles. É assim que esperam atrair atenção... Apenas a ignorem. Ajam como se ela não existisse.

Pelo rádio, a polícia secreta passa adiante a localização da garota e pergunta:

— O que isso quer dizer? Não temos instruções para casos assim. O que devemos fazer com ela?

E eles recebem instruções:

— Observem-na com extrema cautela. Isso é sem a menor dúvida uma nova conspiração e um outro plano para uma revolução de veludo orquestrada pelo imperialismo americano... Mantenham-na sob



vigilância, mas não deixem que ela suspeite de nada. Deixem-na pensar que ela não existe.

Matizes sem nome de raiva e ódio, gritos mudos por sangue e esperança e trevas, pairam no ar. De uma direção, a avenida Anatole France, e da outra direção, o largo da Revolução, a polícia bloqueou toda a circulação de pedestres e carros para essa seção da rua da Liberdade. No largo da Revolução, centenas de carros estão parados no congestionamento, motoristas ansiosos e esgotados buzina e, em meio aos carros, pessoas curiosas estão paradas olhando na direção da Universidade de Teerã. Foi ali que há mais de um quarto de século, num dia nublado de inverno, o povo de Teerã pela última vez derrubou a estátua de metal do Xá sentado num cavalo. Claro, naquela época, quando se tratava de derrubar estátuas de ditadores, os tanques americanos estavam do lado dos ditadores.

Os manifestantes, sabendo que serão atacados, entoam um hino comovente:

*Meus companheiros de escola,
você são comigo e ao meu lado,
...você são minha lágrima e meu suspiro,
...as cicatrizes das chicotadas da tirania em nossos corpos,
nossa inculta terra devastada, todas suas plantas selvagens
ervas daninhas,
seja bom, seja mau,
mortas estão as almas de seu povo,
nossas mãos precisam arrancar essas cortinas,
quem mais além de você pode curar nossa dor...*

Na letra e na melodia desse hino há uma tristeza iraniana antiquíssima que produz lágrimas nos olhos da garota... Ela ergue o cartaz ainda mais alto. Por trás do véu de suas lágrimas, o mundo se transforma em prédios ondulantes, sombras partidas e reflexos agitados na água. O isolamento e o medo da jovem se intensificam. Ela ergue os olhos



para encontrar algum conforto no azul do céu. Ela vê um cavalo alado que, como uma nuvem branca, ignorando as pessoas lá embaixo, passa voando. Aterrorizada, ela vê fogo brotando das costas do cavalo. O cavalo em chamas desaparece atrás de um prédio alto. A garota espera, mas o cavalo não reaparece...

Então ela imagina quem em meio aos gritos de raiva e rancor, uma voz abafada chama o seu nome.

— Sara...! Sara...!

A menina enxuga as lágrimas e olha em volta. Há pessoas e sombras movendo-se em todas as direções. Parece que têm medo de chegar perto dela.

— Tonta...! Tonta...! Estou falando com você!

A voz tem o mesmo frio e odor quesentimos ao abrir uma geladeira fechada por um mês. A garota olha para trás. Um rosto escuro, sem pescoço e sem torso, está suspenso no ar. Duas das barras de aço da grade verde que cerca a Universidade de Teerã projetam-se do muro de pedra seccionando o rosto em três... Ela acha que o rosto pertence a um desses espíritos que sua avó dizia que fazem festas nas casas de banho públicas da cidade à noite e que a única maneira de distingui-los dos seres humanos é pelos cascos nos pés...

— Ei! Sua tonta! Livre-se desse cartaz e fuja! Estou falando com você...!

De novo a menina olha para trás. Ela vê o mesmo estranho rosto escuro do outro lado da grade. Ela acha que talvez alguém esteja agachado atrás do muro e ergueu a cabeça até a grade.

— Ei! Pare de sonhar acordada, vá para casa! ... Hoje a morte está atrás de você. Vá para casa!...você entendeu? Faz meia hora que a morte se apaixonou por você. Está afiando sua foice para trespassar seu corpo. Corra enquanto pode... Está me ouvindo?

Não, esse rosto e essa voz nebulosa não podem ser reais. Sara espia através da grade e atrás do muro de pedras e vê a figura de um anão



corcunda vestido com roupas que parecem ser de séculos atrás... Ela abre a boca para perguntar:

— O que você quer de mim afinal?

Mas as palavras ficam engasgadas em sua garganta. Petrificada, ela percebe que naquele momento qualquer pergunta e todas as palavras no mundo parecerão absurdas e sem sentido. Parece não haver globos oculares nas órbitas redondas daquele rosto. Assemelham-se a dois poços com a lua refletida na água escura no fundo.

— O que você quer com meus olhos? Pense em você mesma. Você vai ser morta... Entendeu? Corra! A briga vai começar a qualquer minuto.

O tumulto começa. Os brados de slogans e obscenidades e os gritos de rapazes e moças sendo espancados são abafados pelo clamor diário da cidade de 11 milhões.

Pularemos esta cena porque parece não ter nada a ver com uma história de amor. No entanto, se você tiver prestado atenção, terá percebido que eu, com aquela notória esperteza dos escritores, descrevi o tumulto entre a polícia e os estudantes de tal forma que não possa ser acusado de parcialidade política.

Se você me perguntar quem eu sou, eu direi:

Sou um escritor iraniano cansado de escrever histórias sombrias e amargas, histórias povoadas por fantasmas e narradores mortos com finais previsíveis de morte e destruição. Sou um escritor que no limiar de seus 50 anos compreendeu que o mundo pretensamente real a nossa volta tem morte, destruição e tristeza o bastante, e que eu não tenho o direito de acrescentar ainda mais derrota e falta de esperança. Em minhas histórias e romances há homens que criei com um corpo e uma coragem romântica que não possuo. Da mesma forma, há mulheres cujos corpos e personalidades eu reproduzi a partir do corpo e da alma da mulher que ardorosamente vi em meus sonhos — embora jamais tenha tido a sinceridade de dar a esta mulher imaginária um rosto permanente, de modo a não confundí-la com certas mulheres reais. Cá entre nós, vez ou outra até traí esta mulher e imaginei e descrevi seu cabelo



loiro como preto, e outra vez até por castanho avermelhado. Seja como for, eu me odeio por enviar personagens de quem eu gosto, e que escrupulosamente criei palavra por palavra, em direção às trevas ou a uma morte sangrenta no final de minhas histórias, como o Dr. Frankenstein.

Por essas razões, e por razões que, como outros escritores, provavelmente descobrirei mais tarde, eu, com todo o meu ser, quero escrever uma história de amor. A história de amor dentre uma menina que nunca viu o homem que está apaixonado por ela há um ano e a quem ela ama muito. Uma história com um final que seja uma passagem para a luz. Uma história que, embora não tenha um final feliz como os filmes românticos de Hollywood, ainda assim tem um final que não fará meu leitor ficar com medo de se apaixonar. E, claro, uma história que não pode ser rotulada como política. Meu dilema é que quero publicar minha história de amor na minha terra natal... Diferentemente de muitos países mundo afora, escrever e publicar uma história de amor em meu amado Irã não são tarefas fáceis. Após a vitória de uma de nossas últimas revoluções — durante a qual nossos brados por liberdade, com o auxílio da mídia ocidental, ensurdeceram o universo —, para compensar os 2.500 anos de governo ditatorial por reis, uma constituição islâmica foi redigida. Essa nova constituição permite a impressão e a publicação de todo e qualquer livro e jornal, e proíbe terminantemente sua censura ou inspeção. Infelizmente, todavia, nossa constituição não faz menção a esses livros e publicações terem a permissão de saírem livremente das gráficas.

Nos dias que se seguiram à revolução, depois que um livro era publicado, seu editor tinha de apresentar três exemplares ao Ministério da Cultura e Orientação Islâmica a fim de obter uma autorização para ser expedido da gráfica e distribuído. No entanto, se o Ministério considerasse o livro imoral, os exemplares impressos permaneceriam no depósito escuro da gráfica, e seu editor, além de pagar os custos da impressão, também custearia a armazenagem, ou teria de reciclar os livros, transformando-os em papelão. Esse sistema levou muitos editores às portas da falência.



Em anos mais recentes, para limitar o risco financeiro e para que os livros não ficassem em depósitos mofando por anos aguardando uma autorização para sair, baseado num acordo semiverbal e semiformal, antes de imprimir um livro, o editor iraniano independente vai voluntariamente, com suas duas mãos e dois pés, entregar três cópias do manuscrito preparado com o mais moderno software de design gráfico e diagramação ao Ministério da Cultura e Orientação Islâmica para obter a autorização antes de o livro ser de fato impresso.

Num departamento específico desse Ministério, um homem com o codinome Porfiry Petrovich (sim, o detetive encarregado de solucionar os assassinatos de Raskolnikov) é responsável por ler cuidadosamente os livros, em particular os romances e as coletâneas de contos, e em especial as histórias de amor. Ele sublinha cada palavra, cada sentença, cada parágrafo, ou mesmo cada página que é indecente e que põe em perigo a moralidade pública e os valores tradicionais da sociedade. Se houver passagens sublinhadas demais, o livro provavelmente será considerado indigno de impressão; se não forem tantas assim, o editor e o escritor serão informados de que simplesmente precisam revisar certas palavras ou frases. Para o Sr. Petrovich, esse serviço não é só uma vocação; é uma responsabilidade moral e religiosa. Em outras palavras, uma profissão sagrada. Ele não pode permitir que palavras e frases imorais e corruptíveis apareçam ante os olhos das pessoas simples e inocentes, especialmente os jovens, e poluam suas mentes puras. Às vezes ele até diz a si mesmo:

— Preste atenção, homem! Se uma palavra ou frase escapa da sua pena e provoca um jovem, você terá parte no pecado dele ou, pior, será tão culpado quanto essa gente depravada que produz filmes e fotos pornográficas e as distribui ilegalmente ao público.

De sua perspectiva, escritores são pessoas desonestas, imorais e sem fé, alguns são direta ou indiretamente agentes do sionismo e do imperialismo norte-americano, e tentam enganá-lo com seus truques e manobras. Dada a profunda noção de responsabilidade do Sr. Petrovich,



enquanto ele lê os manuscritos diagramados, seu coração bate acelerado. Ao avançar página a página, lentamente as palavras começam a fazer estranhos movimentos ante seus olhos. Em sua mente, em meio aos ecos das palavras, ele ouve misteriosos sussurros que o colocam alerta. Desconfiado, ele volta algumas páginas e lê com mais cuidado. Seu rosto começa a transpirar e os dedos tremem ao virar as páginas. Quanto mais ele presta atenção, mais desonestas as palavras criminosas se tornam. Elas se movem incessantemente; as frases se entrelaçam. Expressões implícitas, expressões explícitas, insinuações e conotações escondidas nas sombras começam a desfilar ao redor de sua cabeça e criam um tumulto. Ele vê que algumas palavras filhas da mãe emprestam letras umas às outras para criar palavras vulgares ou imagens obscenas. O som das páginas virando se assemelha ao de uma lâmina de guilhotina caindo. O Sr. Petrovich ouve o clamor das palavras explodindo em seus ouvidos. Ele berra:

— Calem essa boca dos infernos!

Ele apoia a caneta no papel para sublinhar a palavra “dança”, mas percebe que o escritor na verdade usou em vez dela a expressão “movimento rítmico”. Ele dá um murro na página. Algumas das palavras mais covardes e conservadoras se aquietam, mas em meio à confusão das outras há risadas sarcásticas. Devastado, o Sr. Petrovich levanta-se de sua mesa.

É por causa dessas torturas emocionais que às vezes examinar um livro pode levar até um, cinco ou mesmo 25 anos.

É assim que muitas histórias, especialmente histórias de amor, ao manobrem seu caminho através do Ministério da Cultura e Orientação Islâmica acabam feridas, perdem membros, ou são finalmente executadas.

Na história de amor que quero escrever, não encontrarei nenhuma dificuldade enquanto estiver nas frases de abertura descrevendo a beleza das flores da primavera, a brisa fragrante e o sol brilhante no céu azul. Todavia, no momento que eu começar a escrever sobre o homem e a



mulher da história e suas ações e conversas, a face transpirando, irada e recriminadora do Sr. Petrovich aparecerá na frente dos meus olhos.

Pergunte:

O que você quer dizer?

Para que eu responda:

Nesta história de amor, preciso ter um protagonista feminino e um antagonista masculino, ou vice-versa. Agora, com certeza, com uma *Insuportável Leveza* da curiosidade você quer perguntar: não deveria haver um homem e uma mulher numa história de amor iraniana?

Pergunte, e eu responderei:

Bem, no Irã existe uma pressuposição político-religiosa de que qualquer proximidade e discurso entre um homem e uma mulher que não sejam casados ou parentes é um prólogo ao pecado mortal. Aqueles que colocam tais prólogos em texto, e tais textos em pecado, além da retribuição que os aguarda no além, serão neste mundo também sentenciados por tribunais islâmicos e punidos com prisão, açoite e até morte. É para impedir tais prólogos e pecados mortais que, no Irã, mulheres e homens em escolas, fábricas, escritórios, ônibus e festas de casamento são mantidos separados. Em outras palavras, são protegidos uns dos outros. Claro, vários clérigos respeitados opinaram que a circulação de pedestres nas calçadas também devia ser segregada. Eles sabem que no mundo moderno precisam apresentar planos fundamentados em pesquisas científicas, de modo que, com base nas descobertas de seus especialistas, eles apresentaram seu plano da seguinte forma: de manhã, por exemplo, os homens terão permissão de andar nas calçadas no lado direito das ruas, e, à tarde, as mulheres. Inversamente, nas calçadas flanqueando o lado esquerdo das ruas, de manhã mulheres e de tarde homens terão permissão para ir e vir. Como resultado, ambos os sexos terão acesso às lojas em ambos os lados. Alguns desses clérigos até mesmo fazem objeções e críticas a filmes cujos roteiros foram autorizados pelo Ministério da Cultura e Orientação Islâmica por causa das raras cenas em que o ator e a atriz interpretando os papéis de marido e mulher, ou



irmão e irmã, são mostrados juntos sozinhos numa cozinha ou sala de estar. Esses cavalheiros argumentam que um homem e uma mulher que não são *mahram* — ou seja, nem casados nem parentes próximos — nunca deviam estar juntos a sós numa sala ou qualquer espaço fechado.

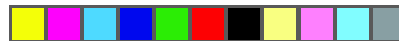
Em resposta a tais críticas, numerosos especialistas e funcionários do Ministério da Cultura e Orientação Islâmica, bem como diretores de cinema, diretores de fotografia, e outros membros das equipes envolvidas na produção de filmes, explicaram em longos e frequentes artigos e entrevistas: “Cavalheiros! Não se preocupem. Nas cenas em que parece que um ator e uma atriz estão sozinhos, há, na realidade, nos bastidores, querendo dizer um pouco atrás da câmera, dezenas de membros da equipe presentes, incluindo o diretor, o assistente do diretor, o assistente de cena, o câmera e seus assistentes, a equipe da iluminação, e...” Apesar dessas explicações, vários dos cavalheiros que reclamam sugeriram:

“Admitamos que seja assim. Mas a plateia vê apenas um homem e uma mulher sozinhos num quarto. E o fato de que um homem e uma mulher estão sozinhos num quarto levará a imaginação da plateia a milhares de pecados.”

Eu espero que esta introdução tenha ajudado a entender por que publicar uma história de amor no Irã não é uma tarefa simples...

Agora me pergunte como eu espero escrever e publicar uma história de amor, para que eu possa explicar:

Eu acho que, por ser um escritor experiente, eu talvez possa ser capaz de escrever a minha história de uma forma que ela sobreviva à lâmina da censura. Na minha vida de escritor, cheguei a aprender símbolos e metáforas iranianas e islâmicas muito bem. Tenho também um bom número de outros truques na manga que não irei divulgar. A verdade é que há muito tempo eu nunca realmente pretendi escrever uma história de amor. Mas esse rapaz e essa garota que se encontram perto da entrada da Universidade de Teerã e no caos das manifestações políticas se olham amorosamente e me convenceram a escrever a história deles.



Eles se conhecem há cerca de um ano e trocaram muitas palavras e frases. Mas é nesse dia de primavera que a garota vê pela primeira vez com os próprios olhos o rosto do rapaz... Não fique surpreso com o paradoxo das duas últimas frases. O Irã é uma terra de paradoxos... Se você perguntar:

Eles se conheceram em um site de namoro da internet?

Eu direi enfaticamente:

Não!

E ainda mais enfaticamente, sugerirei que esses dois personagens são inocentes e ficcionais demais para se encontrarem num site de namoro da internet ou num desses sites onde se procura um parceiro sexual... Na verdade, tais sites são proibidos no Irã. Mas permita-me que eu conte minha história.

Como você percebeu, o nome da garota é Sara. E o nome do rapaz é Dara. Não pergunte; eu confesso, são pseudônimos. Não quero que os personagens reais enfrentem quaisquer problemas pelos pecados ou atos ilegais que possam vir a cometer ao longo de minha história... Claro, escolher Sara e Dara como pseudônimos entre milhares de nomes iranianos tem sua própria história, a qual preciso contar.

Há muito tempo, quando eu estava na escola, Sara e Dara eram dois personagens de nossas cartilhas da primeira série. Sara estava lá para apresentar a letra S e Dara para apresentar a letra D... Há muito tempo no Irã, não era um regime islâmico o que estava no governo, mas um monarquista. Da perspectiva desse regime não havia problema em Sara e Dara, após terem sido apresentados aos alunos, aparecerem sozinhos numa sala em outras lições para falar, por exemplo, sobre um papagaio para que a letra P fosse ensinada. Nesses dias de outrora, Sara era ilustrada com cabelo preto comprido e usando saia, blusa e meias coloridas, e Dara era desenhado usando camisa e calça. Eles eram bonitos, mas nós os alunos costumávamos desenhar um bigode em Sara e uma barba em Dara... Anos depois, refiro-me a quando era estudante na Universidade de Teerã, nós iranianos cansamos do regime monarquista e



começamos uma revolução. Nosso despertar começou quando o Xá, seguindo o conselho do presidente dos EUA; Jimmy Carter, anunciou que queria dar ao povo do Irã liberdade política e liberdade de expressão e pensamento, e para demonstrar sua boa vontade ele desmontou o Partido Rastakhiz — o único partido político do país, que ele mesmo criara. Nós bradamos “Liberdade”... Nós bradamos “Independência”... E alguns meses depois do começo de nossa revolução, aos nossos brados acrescentamos “República Islâmica”... Por todo o país pusemos fogo em bancos porque, de acordo com a propaganda implícita e aberta dos comunistas, os bancos eram símbolos do regime sangrento dos colaboracionistas burgueses. Nós pusemos fogo em cinemas porque, de acordo com a propaganda implícita e aberta dos intelectuais, os cinemas eram a causa da decadência cultural, da disseminação da ocidentalização e da influência crescente da cultura norte-americana de Hollywood. Nós queimamos cabarés, bares e bordéis porque, de acordo com a propaganda implícita e aberta dos devotos, eram centros de corrupção e propagavam pecados mortais... Bom, alguns anos após a vitória da revolução, nas cartilhas da primeira série havia um lenço cobrindo os cabelos pretos de Sara e uma comprida túnica preta cobrindo suas roupas coloridas. Dara não era velho o bastante para ter uma barba, de modo que só seu pai tinha uma. De acordo com nossos ensinamentos religiosos, um homem muçulmano precisa ter barba e não deve usar uma lâmina em seu rosto para que não pareça uma mulher.

Se eu me lembro corretamente, alguns anos depois, Sara e Dara desapareceram completamente dos livros escolares, e outra menina e outro menino os substituíram — irmãos sem lembranças do regime corrupto e tirânico do Xá... Agora acho que você deve ter entendido que escolher os nomes Sara e Dara é um truque iraniano para contar histórias. Sem dar ao Sr. Petrovich um pretexto para me repreender eles irão indiretamente lembrar meu leitor iraniano do aparecimento e desaparecimento de Sara e Dara das cartilhas, como o Sr. Clementis, *persona non grata* que os censores da era soviética apagaram de uma



fotografia, mas o chapéu que ele emprestara para um líder do Partido Comunista posando com ele permaneceu na cabeça desse homem.

Na época em que Sara e Dara eram transformados, minha filha estava na primeira série e havia noites em que minhas forças falhavam e eu não conseguia inventar nenhuma história nova para contar a ela. Eu então comprei para ela livros de histórias melhores que as minhas porque vinham com ilustrações. Numa noite em que abri *Branca de Neve e os sete anões* para ler para ela, vi para o meu horror que Branca de Neve usava um lenço na cabeça e duas grossas linhas pretas cobriam seus braços nus. Minha filhinha perguntou:

— Por que você não está lendo?

Eu fechei o livro e disse:

— Não teremos história esta noite. Durma para que você possa ter um belo sonho, minha menina... Durma, Bārān.

Nós chamávamos nossa filha Bārān em casa. Mas seu nome na certidão de nascimento é algo que nem eu nem a mãe dela pretendíamos dar a nossa filha. Assim, o nome Bārān também tem uma história, que eu contarei a você outra noite. Agora, com a sua permissão, preciso voltar a minha história de amor:

Pergunte-me, considerando que um encontro entre um homem e uma mulher é tão improvável no Irã, como Sara e Dara se conheceram?

Como eu já havia dito, embora Sara e Dara tenham ficado frente a frente pela primeira vez em meio à manifestação política dos estudantes, eles tinham na verdade começado a escrever a história de amor deles um ano antes. E essa é a história que eu quero contar agora:

Sara está estudando literatura iraniana na Universidade de Teerã. Entretanto, segundo uma lei não escrita, ensinar literatura iraniana contemporânea é proibido nas escolas e universidades iranianas. Como todos os outros estudantes, Sara deve memorizar centenas de versos de poesia e a biografia de poetas que morreram há mil, setecentos, quatrocentos... anos atrás. Mesmo assim, Sara gosta da literatura iraniana contemporânea porque estimula a sua imaginação.

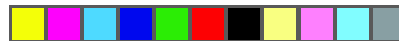


Essa literatura cria cenas e palavras em sua mente que ela nunca ousara imaginar ou exprimir e, claro, essa literatura também não ousou escrever essas palavras e cenas aberta e explicitamente. Na verdade, quando Sara lê uma história contemporânea, ela lê o branco entre as linhas, e sempre que uma frase é deixada incompleta e termina com três pontos como esses "...", a mente dela fica muito ativa e começa a imaginar quais poderiam ser as palavras eliminadas. Às vezes, sua imaginação vai mais longe e fica mais nua que as palavras que o escritor tinha em mente. Se ela for tão esperta quanto um agente da inteligência e tiver o poder de decifrar os códigos que ficam nas sombras das frases petrificadas e nos sussurros ocultos das palavras conservadoras da literatura iraniana contemporânea, encontrará precisamente as coisas de que gosta. Sara adora esses três pontos porque permitem que ela se torne uma escritora também... Mas ela nunca pega emprestada nenhuma literatura contemporânea da biblioteca de sua faculdade ou da biblioteca central da Universidade de Teerã. Mesmo que ela quisesse, acho que não encontraria qualquer livro de escritores como eu.

Pergunte-me por que, para que eu possa explicar:

Acredito que em países onde o povo é orgulhoso de suas democracias e vive confiante num futuro, ninguém jamais precisa se preocupar quanto aos livros que retiram na biblioteca. Eu oro para que quando queiram, sem medo do futuro, eles possam ao menos ler *The jungle* de Upton Sinclair ou o tedioso e banal *O tacão de ferro*, uma obra ruim de um escritor relativamente bom que bebia uísque demais e queria substituir a democracia norte-americana por uma democracia do tipo *Revolução dos bichos*.

Como eu dizia, nós iranianos, tendo vivido sob o governo ditatorial de reis por 2.500 anos, aprendemos que nunca devemos deixar quaisquer registros ou documentos para trás. Temos o eterno receio de que o futuro trará circunstâncias políticas ainda mais difíceis, e assim devemos ser extremamente vigilantes quanto a nossas vidas e as pegadas que deixamos em nosso caminho. É por essa razão que registros de nossa



história com frequência se limitam aos diários de viagem de ocidentais e aos relatórios de espões ocidentais. Sara sabe que o sistema de circulação da biblioteca da Universidade de Teerã é computadorizado e que qualquer livro que ela retira pode algum dia ser usado como prova contra ela e resultar na sua expulsão. Claro, as circunstâncias em meu amado Irã ainda permitem algumas migalhas de liberdade, mas Sara prefere pegar seus livros prediletos numa biblioteca pública, e ficou sócia de uma em seu bairro. Exatamente um ano antes da manifestação política num dia de primavera sobre a qual lhe contei, — e na maioria das velhas histórias de amor iranianas há um belo dia de primavera com o canto de rouxinóis e outros pássaros de som agradável ressoando das frases —, Sara aparece na biblioteca pública. A pequena sala de leitura nessa biblioteca foi dividida em duas seções pelos catálogos da biblioteca, de modo que meninos e meninas sentados às mesas não vejam uns aos outros.

Agora você provavelmente quer perguntar: como os meninos e as meninas fazem para discutir uma tarefa escolar ou trocar ideias?

Se você fizer mais uma pergunta como essa, serei forçado a dizer:

Madame! Senhor! Por que essa incapacidade de imaginar outra cultura que não a sua? Isso é pergunta que se faça? É claro que meninas e meninos no Irã não têm discussões relacionadas à escola e nenhuma necessidade de trocar informações educacionais. Como em qualquer outro lugar do mundo, discutir a “Différance” de Derrida, debater o muro de Planck ou a teoria do caos e o efeito borboleta, são consciente ou inconscientemente pretextos para uma garota e um rapaz estabelecerem uma relação particular que acabará em pecado. Precisamente por essa razão, se eles falarem entre si no campus da universidade, receberão uma advertência por escrito do Comitê Disciplinar. Não só são proibidos de falar um com o outro, como nem mesmo podem pular o muro de Planck com a linguagem de seus olhos para trocar informações... De modo que, por favor, deixe-me continuar a minha história:

Sara foi até a mesa da bibliotecária... Com esta frase a história de amor que quero escrever e entregar para o Sr. Petrovich continua.





Sara perguntou à bibliotecária:

— Vocês têm A coruja cega?

A bibliotecária respondeu com firmeza:

— Não, senhorita. Não temos A coruja cega nesta biblioteca.

Sara não desistiu.

— Claro que eu sei que vocês não têm A coruja cega nas estantes.

O que eu quis dizer é que se estiver entre os livros que foram removidos das estantes, não seria possível abrir uma exceção e me emprestar por alguns dias? Eu estudo literatura e preciso ler A coruja cega para um trabalho importante.

A bibliotecária, dessa vez com mais severidade, disse:

— Senhorita! Eu já lhe disse que não temos esses livros proibidos; e, falando nisso, você que é tola, não eu. Sei muito bem que de forma alguma iriam lhe pedir um trabalho sobre A coruja cega na universidade.

Sara, desistindo do exemplar de A coruja cega, foi embora da biblioteca pública. Ela não notou que atrás dela um jovem saiu da seção protegida para os homens e seguiu-a a alguma distância por todo o caminho até em casa. Consequentemente, no dia seguinte, quando ela viu o mesmo jovem perto de sua casa, não o reconheceu. O jovem estava vendendo livros usados, que tinha colocado sobre algumas folhas de jornal abertas na calçada. Com certeza, a edição em brochura de A coruja cega estava entre seus livros. Mas Sara, orgulhosa de sua beleza e acostumada a ignorar pessoas à sua volta, seguiu para a universidade sem se deter. O açougueiro do bairro estava esfolando um pequeno lagarto verde pendurado num gancho suspenso no teto...

No dia seguinte, o jovem estava sentado exatamente no mesmo lugar. Claro que tinha menos livros. O mesmo aconteceu nos dias que se seguiram.

No Irã, os desconfiados amantes de livros estrangeiros acham que os ambulantes que vendem na rua livros proibidos ou raros são agentes com a missão de identificar e rastrear leitores.



No sétimo dia, Sara finalmente parou em frente ao vendedor e olhou os livros expostos e, subitamente, viu A coruja cega. Ela perguntou o preço. Contrariando a prática comum de vender livros raros e proibidos a um preço muito mais alto do que o indicado na contracapa, o jovem pediu muito pouco por ele. E numa voz trêmula acrescentou:

— ...o preço de um cigarro Winston, senhorita. Sob a condição de que a senhorita o leia cuidadosamente. Por favor, trate com carinho deste livro... Leia-o com muita atenção, com muito mais cuidado do que leria outros livros... Cuidadosamente, meticulosamente...

Nenhum vendedor de rua ou livreiro jamais falara com Sara daquela maneira. Ela pensou, “Eis mais uma dessas pessoas mentalmente perturbadas cujo número vem aumentando no Irã.” Ela comprou toda contente o livro e o pôs na bolsa. O livro transmitia uma energia misteriosa a ela. Durante a primeira aula na universidade, enquanto o professor estava ocupado explicando e analisando um longo poema escrito setecentos anos atrás repleto de palavras árabes complexas e pouco familiares, Sara abriu o livro sob sua mesa e começou a ler aquela história surrealista, que no Irã crê-se que faz jovens leitores perderem a esperança e cometerem suicídio — do mesmo modo que anos antes seu autor, Sadeq Hedayat, cometeu suicídio em Paris. Todavia, além do estranho poder das palavras soporíferas e carnais, o livro parecia conter outro segredo, um segredo que Sara julgava ter visto nos olhos do vendedor de livros. Naquele dia, Sara foi da universidade para casa mais rápido que de hábito. Fechou a porta do quarto, ~~deitou na cama~~, e começou a ler o livro desde o início.

Imagino que a essa altura você tenha percebido que as palavras riscadas no texto são iniciativa minha. E você deve saber que tal excentricidade caprichosa não é nenhum pós-modernismo ou heideggerianismo. Na verdade...

E a essa altura com certeza você já compreendeu a relevância de “...” na literatura contemporânea do Irã.





Na página sete, Sara percebeu vários pontos púrpura, mas não deu importância a eles e continuou lendo avidamente. A coruja cega é um romance que começa com os incidentes apavorantes na vida de um artista iraniano que pinta jarros. Um dia o artista vai até a despensa de casa para buscar uma garrafa do velho vinho que herdou de sua mãe — uma dançarina indiana que se apresentava com uma naja num templo Linga. Quando vai pegar o vinho, ele vê um buraco na parede e o terreno árido atrás da casa. Ele vê um riacho. Há um velho encurvado sentado sob um salgueiro, e na outra margem do riacho há uma bela mulher, tão bela como as mulheres nas miniaturas iranianas, inclinada para a frente e estendendo um único lírio negro na direção do velho. No dia seguinte, o artista se dá conta de que na verdade não há buraco na parede de sua dispensa. Mas ele se apaixonou pela mulher etérea e agora passa os dias vagando pela terra erma em volta de sua casa isolada em busca dela, do riacho, e do salgueiro... *Na página 17, Sara acha que quem quer que tivesse sido o dono anterior daquele livro ou não dava valor a ele ou era um seviciador de livros para ter marcado e desfigurado suas páginas com pontos púrpura...* E a coruja cega que não consegue tirar aquela mulher etérea da cabeça continua à procura dela. Uma noite, ao voltar de uma busca frustrada, ele vê uma mulher sentada junto à porta da frente de sua casa. Ele a leva para casa e dá a ela um pouco do vinho. Um vinho que ficamos sabendo estar batizado com o veneno das presas de uma naja. A mulher morre com uma expressão de escárnio em seus olhos, deixando a imagem misteriosa de seu olhar para sempre gravada na mente do artista. A coruja cega esquarteja o corpo dela, que está cercado por abelhas douradas, e coloca os pedaços numa valise. Lá fora, é como se o mundo tivesse se transformado num pesadelo. No escuro, um velho com um carro fúnebre caindo aos pedaços puxado por cavalos o espera. O carro viaja para as antigas ruínas da cidade de Rey. Ao enterrar a valise ali, eles descobrem um pote centenário com os olhos misteriosos de uma mulher pintados nele... A mesma imagem que a coruja cega irá pintar pelo resto de sua vida jarros de barro...



Na página 66, Sara se dá conta que os pontos púrpura não são aleatórios e que na realidade foram dispostos com grande precisão sob certas letras de certas palavras. Ela volta para os primeiros pontos na primeira página do livro. Apareciam sob as letras S, A, R, A, O, I. Ela não demorou a perceber que as quatro primeiras letras eram as de seu nome e que o resto formava a palavra “oi” ... A desnorteante história de A coruja cega exercia uma atração exasperante, mas Sara se deixara cativar pelas letras marcadas nas páginas do livro. Folheou página por página e localizou-as minuciosamente. Escreveu-as numa folha de papel e começou a conectá-las. Às vezes conectava uma ou duas letras a mais, e às vezes a menos... Mas finalmente, oito horas depois, a carta completa estava a sua frente.

“Olá Sara,

Enquanto marco estes pontos púrpura, oro para que você venha a descobrir meu código secreto. No dia em que você pediu à bibliotecária A coruja cega, eu estava lá. Faz algum tempo que, sempre que você vai à biblioteca, eu estou lá também. Os catálogos de fichas não permitem que eu veja o seu rosto, mas por entre eles eu posso ver os seus sapatos. Conheço todos os seus sapatos muito bem. Dei a cada par um nome. Por exemplo, seus sapatos marrons que têm um arranhão, talvez de um arame farpado ou do espinho de uma roseira, são os Chuvasos, porque você os usa nos dias de chuva. Aquela biblioteca não tem A coruja cega. Não tem também muitos dos outros grandes romances. Segundo a nova bibliotecária, eles extirparam todos os romances imorais das prateleiras. Eu tinha uma pequena biblioteca em casa que era meu tesouro. Mas comecei a vender livros perto da sua casa para poder lhe dar A coruja cega. Para garantir que as pessoas acreditassem que eu era realmente um vendedor de rua, tive de vender muitos de meus livros. Vendi meu Cem anos de solidão, vendi Anna Kariênina, O grande Gatsby, e Matadouro 5... Até compraram de mim As cidades invisíveis, de Italo Calvino. Vendi os poemas reunidos de Lorca, Neruda, e Forough. Mas eu pus um preço tão alto no A coruja cega que as pessoas



riam de mim. Se esta carta não tiver valor para você, ao menos dê valor ao livro. Para se libertar de nossa hipocrisia, o autor fugiu para Paris e cometeu suicídio lá. Eu gostaria de ser um escritor tão bom quanto ele era, para escrever uma carta bela e extraordinária para você. Se eu pudesse escrever uma carta para você que nenhum homem apaixonado jamais tivesse escrito, eu não iria querer mais nada em minha vida, e a morte me seria fácil... Por favor, não fique assustada. Do mesmo modo que faz muito tempo que estou apaixonado por você e você nunca me notou, confie que você nunca irá perceber a minha presença a menos que você mesma o permita. Na próxima quinta-feira, quando for à biblioteca pública, pegue O pequeno príncipe se quiser..."

Sara tentou lembrar da face do jovem, ou ao menos de sua voz. Mas, estranhamente, ela não tinha nenhuma imagem dele em sua cabeça. Era como se alguém a tivesse apagado.

Ela retirou O pequeno príncipe. Em sua primeira leitura ela não absorveu muito da bela história porque toda a sua atenção estava concentrada em decifrar o código da carta contida no livro. Essa carta dizia:

"Olá Sara,

Por que você subitamente começou a se virar e a olhar para trás desde que leu a minha carta? Você nunca irá me reconhecer entre as pessoas na calçada. Eu estudei maquiagem. No dia que você comprou o livro eu tinha realmente mudado minha face.

Fico sempre muito longe de você. Mas segui-la, mesmo a distância, me dá o prazer de saber que respiro o ar que você exalou. Às vezes, claro que não com frequência, eu ando na sua direção do outro lado da rua para poder ver um relance do seu rosto, para saber se você está feliz ou triste. Conheço todas as expressões de seu rosto. Posso saber pela maneira que seus belos dedos longos seguram seus livros se você está cansada ou cheia de energia. Nas noites que vago pelas ruas, às vezes passo pela sua enorme casa. Não se preocupe, não paro. Nem mesmo por um segundo. Apenas passo e olho para a sua janela. Não gosto das cortinas grossas dela. Por que você as mantém fechadas a maior parte



do tempo? Abra-as. Deixe a lua brilhar em seu quarto. O luar ultramarino dará cor às paredes. De noite, quando a luz está acesa em seu quarto e eu sei que você está lá, seu quarto se torna a minha estrela. Mas esta estrela é diferente de todas as outras estrelas do céu para mim, porque nela eu tenho uma rosa vermelha que é para mim diferente de todas as rosas vermelhas do mundo, e com todo o meu coração eu desejo a ela felicidade. Aprendi isso em O pequeno príncipe. Agora que eu tenho alguém em minha vida para quem desejo felicidade com todo o meu ser, mesmo que eu nunca venha a fazer parte dessa felicidade, minha vida encontrou um sentido novo. Agora posso ao menos lidar com as pessoas. Até aprendi a gostar delas, porque penso que entre elas há pessoas de que você gosta e que a fazem feliz... Não importa quem eu sou e qual é o meu nome. Antes eu também era um estudante na Universidade de Teerã. Estudava cinema. Mas fui expulso. Quanto ao meu nome, apenas finja que é Dara. É um pseudônimo que o escritor que um dia escreverá sobre a minha vida irá conjurar sem pensar muito no caso. Não me empregam em nenhuma companhia ou fábrica. Pago minhas despesas com o pouco dinheiro que ganho pintando casas. Sempre que pinto uma parede, eu primeiro escrevo seu nome em azul-marinho, e então cubro com a cor que a parede deve ter. Bem no mês passado, eu estava pintando uma casa recém-construída e o empreiteiro apareceu inesperadamente. Ele viu como todas as paredes tinham SARA escrito nelas... Tivemos um briga. Ele me despediu... Vou escrever a próxima carta no Drácula, de Bram Stoker. As pessoas que decidem quais livros são apropriados para as bibliotecas às vezes deixam passar alguns, ou talvez elas não compreendam esses tipos de livros. Se você quiser responder, marque as letras neste livro com tinta azul. Caso não queira, na carta do Drácula eu a informarei em qual livro você terá a minha próxima carta..."

Sara precisou esperar duas semanas para pegar Drácula porque alguém já o tinha retirado da biblioteca. Ela leu a terceira carta, mas não a respondeu. Quem quer que estivesse escrevendo as cartas real-



mente levava a sério o que dizia e se movia como um fantasma nas margens da vida de Sara que, apesar de sua curiosidade, não conseguia adivinhar a identidade dele. Às vezes, depois de voltar para casa da universidade ou da biblioteca por seu caminho habitual, ela corria para o quarto e de uma abertura estreita nas cortinas grossas ela olhava lá fora para ver quem a estivera seguindo. Pedestres, jovens e velhos, passavam, mas nenhum deles demonstrava qualquer interesse por sua janela... Por sete noites consecutivas Sara ficou na janela espiando a calçada. Mas em vão.

Sara gostou da história de Drácula.

“Olá, Sara,

Eu realmente gosto dos seus tênis, aqueles com as listas azuis. Seu belo jeito de andar adquire uma maravilhosa leveza quando você os usa. Dei a eles o nome de Shirin Andando na Água, e às vezes os chamo de Ofélia. Alguma coisa mudou na universidade para que eles agora permitam sapatos coloridos? Às vezes quando eu a sigo na calçada, tento pisar em suas pegadas.

Gostaria de ter o poder do Conde Drácula. Não para poder ir até seu quarto à noite e chupar seu sangue, mas para poder protegê-la para o resto de sua vida sem você nem ficar sabendo.

O supervisor da biblioteca pública começou a suspeitar de mim. Ele ameaçou que, caso eu não me comporte, fará as patrulhas da Campanha Contra a Corrupção Social me prenderem. Eu não reagi a nenhum dos insultos dele. Eu estava tão furioso que meu sangue fervia, mas eu até consegui me desculpar. Se eu fosse Drácula teria bebido o sangue dele. De modo que agora quando você sai da biblioteca, eu espero um pouco e então corro para alcançá-la em algum lugar perto de sua casa. Eu gostaria de poder ir a sua sala na universidade e apenas sentar num canto e, ficar olhando-a. Mas, na universidade, eles consideram pessoas como eu monstros vulgares e imundos. Na versão cinematográfica de Drácula de Francis Ford Coppola, que você pode facilmente achar no mercado negro, há uma cena em que Drácula,



apaixonado, transforma as lágrimas de Mina em esmeraldas na palma de sua mão. Mesmo se outrora eu fui uma fera odiosa, algum dia mesmo ou um Drácula, mudei desde que a conheci. Encontrei um fio de cabelo seu nas páginas de O pequeno príncipe. Não achei que estivesse ali de propósito, mas agora é o meu tesouro... Esse único fio de cabelo preto significa um mundo para mim. Você é a minha Shirin. Só gostaria de ser o seu Farhad. Gostaria de ter uma montanha na qual entalhar um castelo para você com nada mais do que uma picareta. Pegue Khosrow e Shirin.”

Em muitos poemas místicos iranianos, alguns dos quais datam de quase mil anos atrás, o poeta sufi — a maioria dos poetas clássicos iranianos era sufi — fala de uma amada terrena-celestial, uma amada que pode ser uma mulher e no entanto é uma representação de Deus. Ele usa muitas palavras para comparar a beleza de sua amada com a natureza, frutas e flores; claro que não diretamente, mas usando comparações familiares. Começa com a figura dela, que é com frequência comparada a um cipreste. Para compreender esse símile iraniano, não traga à mente a extrema altura de um cipreste; em vez disso, olhe para a largura de sua parte de baixo e a estreiteza de seu cimo. Então nosso poeta irá comparar os olhos de sua amada a narcisos ou aos olhos de uma gazela, e se forem olhos orientais, a comparação será com amêndoas. As sobrancelhas, ele irá comparar a arcos que disparam as flechas que são seus cílios na direção do coração de seu amado. Os lábios, se forem finos, ele irá compará-los a uma estreita fita com frequência tecida em seda, e, se grossos, irá compará-los a rubis que, claro, são tão doces quanto o açúcar. Então o poeta irá comparar os seios de sua amada a romãs. O poeta sufi iraniano normalmente não viaja nem um pouco mais para baixo e censura ele mesmo o resto de suas comparações, permitindo a imaginação do leitor viajar ao sul por conta própria. Os poucos que ousaram viajar abaixo dos seios de sua amada de novo usaram a linguagem da natureza e dos alimentos eróticos. Evidentemente, nessa época os iranianos não estavam familiarizados com a banana nem com



a orquídea, ou no caso a flor no filme *The Wall*. Por volta de nove séculos atrás, Nizami, um grande poeta iraniano, criou duas belas porém estranhas cenas num famoso poema romântico chamado *Khosrow e Shirin*. Essa narrativa em verso é a história de amor de Khosrow, um dos maiores reis da Pérsia, e uma princesa armênia chamada Shirin. Shirin se despe e está se banhando numa lagoa. Khosrow está caçando e por acaso chega à lagoa e começa a olhar amorosamente Shirin por detrás dos arbustos:

Uma noiva ele viu tão madura quanto a lua cheia...

(...)

*Em cerúlea água como uma flor ela estava,
em seda cerúlea até o umbigo envolta.*

(...)

*Da substância daquela flor a inteira lagoa,
uma amêndoa florescendo uma amêndoa em seu coração.*

(...)

*Para cada lado suas tranças ela penteou,
violetas coroando uma floração ela penteou.*

(...)

*Ela uma arca do tesouro, seu tesouro puro ouro,
as tranças onduladas uma cobra sobre a arca enroscada.*

(...)

*Da mão do guardião do portão caiu do portão a chave,
seus seios como romãs no jardim reveladas.*

(...)

*Sem perceber o olhar do rei o jasmim se deixou ficar
pois a visão de seu narciso o jacinto impedia.*

(...)

*Quando a lua da nuvem escura emergiu,
os olhos de Shirin o rei discerniram.*

(...)

*Mas isso aquela piscina de açúcar mais não viu
que seu cabelo como a noite a espalhar-se na névoa.*



Nesse romance, como em todos os romances, há muitos incidentes e eventos que impedem Shirin e Khosrow de se encontrarem e ficarem enfim sós, longe dos olhos dos devotos ferozes que se comportavam muito como os censores dos dias de hoje.

Finalmente, entretanto, Shirin chega em Madayen, a capital de seu amado...

Nessa época, Madayen era a mais rica e esplêndida capital do mundo. Remanescentes do enorme telhado em arcos de seu palácio real ainda podem ser encontrados no Iraque — refiro-me àquele país que outrora era parte do Império Persa e que hoje, por causa da guerra implacável, aqueles norte-americanos cujo conhecimento de geografia não é muito bom não mais o confundem com o Irã.

Muito tempo se passou desde que Shirin e Khosrow se encontraram e se apaixonaram, mas eles ainda não fizeram nada. Na tão aguardada noite de núpcias, Shirin faz uma advertência a Khosrow: depois de todo o vinho que bebeu na vida, nesta noite em especial não beba. No entanto, pelo começo da tarde, por causa da intensa excitação de consumir o casamento, Khosrow começa a beber. Ao cair da noite, completamente bêbado, ele espera Shirin entrar pelas portas da câmara nupcial banhada, maquiada, perfumada e usando um *négligé* que a lançadora de modas Victoria's Secret ainda está longe de sonhar... Imagine a câmara nupcial, não com a sua própria imaginação firme e científica, mas com a imaginação nada científica e idiota de um filme tal como o *Alexandre*, de Oliver Stone. Imagine o aposento com uma decoração egípcia-árabe-indiana-iraniana-chinesa, com uma cama que tem tanto ouro ou tantas esmeraldas e diamantes engastados que não sobra espaço para deitar. Num canto há um Shiva indiano, em algum outro lugar há a figura de Ra, a divindade egípcia, e ainda noutro canto sobe fumaça de um defumador de incenso chinês. E lá, no meio da cama, está Khosrow, o imperador da Pérsia, todo esparramado. Não consigo encontrar uma imagem iraniana para Khosrow; sendo assim, como esses filmes de Hollywood que misturam tudo, vou compará-lo a Ganesha,



o padroeiro hindu das artes e das ciências e o deus do intelecto e da sabedoria de que gosto muito. Ganesha tem uma cabeça de elefante e um corpo humano. Ele adora doces, e em persa o nome Shirin quer dizer “doce”. Mas eu escolhi essa comparação porque a tromba de Ganesha provavelmente tem similaridades com a tromba viril de Khosrow.

Independentemente da tromba de elefante, quando Shirin percebe que Khosrow está bêbado nessa noite histórica, por pura malícia ela manda sua madrasta à câmara nupcial em vez de ir ela mesma. A descrição da velha senhora é essa:

Como uma loba, não uma loba jovem mas velha, com um par de seios caídos que parecem duas bolsas de pele de carneiro, uma corcunda de velhice nas costas, a face tão enrugada quanto uma noz indiana, a boca tão larga quanto uma sepultura e com apenas um par de dentes amarelos, e nenhum cílio em seus olhos... a velha entra no quarto. Khosrow, bêbado, fica perplexo. O que é isso? Como a linda Shirin repentinamente se transformou nisso? Ele conclui que é em função de seu estado embriagado que vê Shirin assim, e a agarra sem mais. A velha grita de dor, Shirin, socorro! Shirin entra no quarto e Khosrow percebe seu erro.

Aqui, o poeta de novo oferece uma longa descrição das belezas de Shirin. Ele compara seu corpo a todos os tipos de flores e todos os tipos de doces e pratos raros. Claro, do ponto de vista do engenho literário e da criatividade poética, as descrições são verdadeiramente ricas e belas.

O poeta escreve que os lábios e dentes de Shirin são da mesma essência do amor. Seus lábios nunca viram dentes, nem seus dentes viram lábios. Estes versos oferecem um exemplo das ambiguidades da literatura iraniana, porque deles podem ser derivadas várias interpretações. Talvez os lábios de Shirin sejam tão grossos e protuberantes que não toquem seus dentes. Ou talvez eles sejam, como dizemos em farsi, como uma fita requintadamente tecida e tão fina que dente nenhum consegue mordê-los. Em outras palavras, estes versos podem implicar que nenhum homem jamais mordeu os lábios de Shirin, ou que seus lábios



nunca tocaram os dentes de um homem, ou mesmo que seus dentes nunca mordem os lábios de um homem. Você acha que há alguma maneira melhor de descrever a virgindade de uma mulher do que sugerir que ela nunca experimentou um beijo roubado?

Nos velhos tempos e ainda nos dias de hoje, quando homens iranianos procuram uma esposa, eles buscam uma mulher cujos lábios nunca tocaram dentes e cujos dentes nunca tocaram lábios. E quando procuram uma amante, querem alguém com abrangente experiência em morder. Infelizmente, muitas vezes eles não a encontram ou acabam com o oposto dela...

Nos versos subsequentes, o corpo de Shirin é progressivamente assim descrito:

Sua face assemelhando-se a flores... A frente e as costas de seu corpo similar ao macio arminho branco, e seus dedos reminiscentes de dez longas caudas... Seu corpo mel e leite, as sobranceiras arcos se estendendo até os lóbulos das orelhas, e a curva de seu queixo duplo pendendo até seus ombros.

A partir da informação que o poeta oferece, sabemos que Shirin é da Armênia, e que homens iranianos geralmente preferem loiras de pele clara, as mulheres da Armênia — às vezes parte do Irã, outras vezes não — eram e se mantêm símbolos de beleza. Todavia, dadas as comparações que descrevi, esta Shirin definitivamente não corresponde à moda deste século.

Em todo o caso, a velha escapa do quarto e Shirin aparece perante Khosrow. Agora, os olhos de Khosrow se arregalam com a visão de toda aquela beleza e sex appeal. Este é, de fato, o clímax da história. *Khosrow e Shirin* é composto de 6.500 versos. Aproximadamente quatro quintos deles contam como Khosrow ouviu a beleza de Shirin elogiada e a desejou, como Shirin viajou da Armênia para o Irã, como se conheceram, como se apaixonaram, e como ficaram ansiosos de cair um nos braços do outro. Os versos também relatam como um homem inocente chamado Farhad, maltratado e pobre, que não possuía a posição, o poder



ou os atrativos sexuais do imperador Khosrow, se apaixonou por Shirin, como o caso romântico se torna um triângulo amoroso, como Farhad, para demonstrar a magnitude de seu amor por Shirin — ou talvez para exibir sua força viril —, começa a cavar uma passagem numa montanha maciça com apenas uma picareta. Qual dos dois apaixonados por ela você acha que Shirin devia ter escolhido: o bêbado dorminhoco ou o entalhador de montanha?

Por meio desses versos, numerosos obstáculos e incidentes e mesmo separações impedem Khosrow e Shirin de ficarem um nos braços do outro. Mas depois que está tudo dito e feito, como todos os apaixonados mundo afora, seja em Mogadiscio ou Sarajevo, em Teerã ou Bagdá ou Paris, enfim Khosrow e Shirin ficam juntos naquela tão aguardada noite e eles começam a plantar flores e beber leite adoçado com mel... Em outras palavras, o poeta compôs 5.200 versos e desenvolveu diversos incidentes antes de Khosrow e Shirin finalmente se juntarem na câmara nupcial e fazerem amor.

Você pode adivinhar o que aconteceu naquela noite?

Num verso, o poeta sugere que quando Khosrow percebe a sensualidade de Shirin ele se transforma numa fera que viu a lua nova — ou, se fosse para acharmos metáforas consistentes com a cultura anglo-saxônica, ele se transforma em um lobisomem na lua cheia.

Adivinhe!

Por favor, não se reporte a suas próprias experiências pessoais.

Desconfio que você tenha adivinhado errado. Não, Khosrow não ataca Shirin. Em vez disso, cai duro na cama e adormece. Sim, precisamente naquele momento delicado e fatídico...

Agora me ocorre que talvez uma das razões pelas quais invasores macedônios, árabes, turcos, mongóis, afegãos e ingleses conseguiram tão fácil e efetivamente ocupar os magníficos impérios do Irã foi exatamente esta. Nossos reis tinham o hábito de pegar no sono precisamente nos momentos delicados e fatídicos, momentos em que eles tinham de ser homens, fortes, duros, e tomar posse de algo pequeno e doce, e



quando afinal acordavam tudo estava perdido, e não só seu reino mas também suas esposas, escravas, e irmãs tinham sido tomadas.

Felizmente, entretanto, ao menos na história de Khosrow e Shirin, o rei não acorda para dar com a face furiosa de um macedônio, um mongol ou um afegão. Em vez disso, ele vê Shirin dormindo ao lado dele como uma flor; e, enfim, ele começa o tão adiado labor.

Num antigo texto iraniano, de cerca de quatrocentos anos, numa época em que a censura ainda não era tão poderosa e institucionalizada, ao descrever uma cena de sexo, um escritor iraniano usou metáforas de armamentos e táticas de combate com bastante sucesso. Ele escreveu: ele ergueu sua maçã carnuda e com ela golpeou o escudo enebado.

Todavia, Nizami, um poeta de natureza delicada, não era favorável a tal violência. Em vez disso, descreveu os atos sexuais da seguinte maneira. Khosrow perde a paciência e começa a beijar e acariciar Shirin. Em outras palavras, ele começa a lambear doces e chupar balas. Além dessas comparações, como as repetições em câmera lenta de gols em jogos, o poeta de novo compara essas ações a plantar e ajardinar:

*A princípio ele começa colhendo flores,
como brotos naquela face o riso floresce.
(...)*

Então, juntos, o poeta e Khosrow começam a colher frutos:

*De maçã e jasmim confeitos açucarados ele fez,
às vezes com romãs e narcisos ele brincou.
(...)*

Eu suponho que você possa discernir que partes do corpo maçã e jasmim representam. Para incrementar seu conhecimento de frutologia, reitero que na literatura iraniana, romãs são geralmente usados para falar, ou não falar, de pequenos seios firmes que cabem na mão. Narci-



sos são em geral referência a belos olhos, mas eu duvido que Khosrow, no auge de sua excitação, iria se preocupar de brincar com os olhos de Shirin. Portanto, narcisos podem ser uma comparação para a orquídea de Shirin.

A repetição do gol marcado às vezes se estende à vida selvagem:

*Vez por outra o falcão branco das mãos do rei voou,
vez por outra o faisão sobre seu peito se empoleirou.
(...)
Vez por outra tamanho prazer veio do voo,
que a pomba prevaleceu sobre o falcão.
(...)*

Esses versos são a obra de um gênio descrevendo uma cena de sexo na qual a mulher é ativa.

*A corça e o leão juntos labutaram
sobre ela enfim o leão prevaleceu.
(...)*

Então vem o ato de mergulhar na joalheria:

*Maravilhadamente ao fundo do tesouro ele foi,
Com seu rubi o selo de ágata ele rendeu.
(...)*

Querendo dizer que Khosrow rompeu o selo de ágata da virgindade de Shirin.

Então de novo vem uma descrição dos atributos alimentares de Shirin, e lemos sobre uma tâmara sem osso, que significa sem semente, que a penetra. Não, ainda não acabou. O relato deles fazendo amor agora se torna ligeiramente mais humano com palavras muito poéticas, belas e rimando perfeitamente lemos que um corpo se enrodilhou em volta



de um corpo e uma alma alcançou uma alma. E não, ainda não acabou.
De fato, está na hora do mar e algum mergulho:

*Uma ostra rastejou sobre um chifre de coral,
água e fogo juntos se conjugam agora.
(...)*

E enfim acaba:

*Do fogo e da água as cores se combinando,
com cinábrio e mercúrio a câmara se inundou.*

Querendo dizer que há água prateada e cor de cinabre por toda a parte.

O passeio pelo jardim, a excursão no zoológico, a colheita de frutas e o mergulho no mar dos dois amantes levam um dia e uma noite inteiros, e então os dois dormem por um dia e uma noite inteiros...

Essa também é outra descoberta sobre por que os invasores podiam ocupar nosso país tão facilmente. Se o rei passa 24 horas no canteiro de flores, no jardim, no zoológico e debaixo da água e então dorme por outras 24 horas, quando ele afinal arruma tempo para governar o país?

Eu espero que após este exemplo um tanto longo, você tenha compreendido por que a censura é tão complicada no Irã e por que a literatura iraniana, que é bastante rica, é tão difícil de traduzir e ler.

Ler 6.500 versos pode levar muito tempo, mas Sara terminou o livro rapidamente. Contrariando as expectativas dela, a carta de Dara nesse livro era bem curta:

“Sara, você provavelmente ama Khosrow, um rei rico, bonito, frívolo e ainda assim um homem forte e corajoso que ganhou muitas batalhas e semeou a destruição entre os romanos. Eu não acho que você poderia amar Farhad. Um apaixonado sincero, tímido e pobre que se mata quando perde a esperança de ter Shirin. E no entanto ele nunca





traiu o seu amor para poder esquecer... Mas eu acho que Khosrow e Farhad são dois lados da mesma moeda. Complementam-se. É quando os dois se juntam que criam um verdadeiro amante..."

O livro seguinte foi A insustentável leveza do ser, de Milan Kundera. Seria impossível este romance político-erótico estar entre os livros da biblioteca. Mas Sara, seguindo as instruções da carta, encontrou-o escondido atrás de uma pilha de livros empoeirados de Avicena, o lendário médico e filósofo iraniano do século X. Ela primeiro decifrou a carta e, após relê-la várias vezes, leu o romance vorazmente e, claro, em muitos trechos ficou terrivelmente estressada. Muitas cenas no livro tinham sido censuradas e substituídas pelas infames elipses.

Dois meses tinham se passado desde que Sara lera aquele primeiro romance, e agora as cortinas de seu quarto estavam sempre abertas, exceto nos momentos em que ela queria trocar de roupa. A imagem de uma bela garota sentada à janela de uma bela casa é uma cena romântica e atraente para os homens no mundo todo. Como resultado, Sara conseguiu novos admiradores. Assim que eles a viam na janela, se alinhavam na calçada em frente e ficavam olhando para ela. Mas Sara tinha certeza de que Dara não estava entre eles, porque todos tinham uma aparência muito banal. Alguns deles eram até vulgares; assobiavam ou faziam gestos esquisitos com suas mãos, olhos e lábios. O pai de Sara, um homem tradicional que zelava com muito cuidado pela flor intocada de sua filha, ficou extremamente bravo com a presença dos jovens e estava decidido a chamar a polícia. Entretanto, três dias depois, todos os admiradores importunos tinham desaparecido.

Sara estava ficando cada dia mais inquieta e curiosa para ver Dara. Claro que ela mesma considerava suas emoções mera curiosidade. Ela criara uma vaga imagem do rosto dele em sua mente e com a ajuda da imaginação acrescentava detalhes a essa imagem nebulosa e isso vivava ainda mais as chamas de sua curiosidade.

Na carta seguinte ela leu: